

HABERMAS E A MODERNIDADE: A MODIFICAÇÃO DE PARADIGMAS A PARTIR DA TEORIA COMUNICATIVA

HABERMAS Y MODERNIDAD: LA MODIFICACIÓN DE PARADIGMAS DESDE LA TEORÍA COMUNICATIVA

Thiago Alves Miranda¹

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo discutir sobre as influências comportamentais, dos tempos ditos modernos, nas práticas sociais pelo viés do pensamento e dos movimentos sociais. A Fundamentação Teórica está alojada no campo interdisciplinar dos saberes da Filosofia da Linguagem, a partir da interface entre os pensamentos de Habermas e da Teoria da Comunicação. A Metodologia é do tipo bibliográfico, partindo do pressuposto de que foram mobilizados saberes de múltiplos teóricos, com a intenção de tornar a discussão mais substancial e complexa. Notamos uma influência direta da Escola de Frankfurt nas tomadas de decisões em todos os domínios sociais, ao captarmos que a comunicação está diretamente associada à capacidade crítica e reflexiva do ato de se expressar.

Palavras-chave: Comunicação. Filosofia da Linguagem. Modernidade; Sociedade.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir las influencias conductuales, de los llamados tiempos modernos, en las prácticas sociales a través del sesgo del pensamiento y los movimientos sociales. La Fundación Teórica se ubica en el campo interdisciplinario del conocimiento de la Filosofía del Lenguaje, a partir de la interfaz entre el pensamiento de Habermas y la Teoría de la Comunicación. La Metodología es bibliográfica, partiendo del supuesto de que se movilizó el conocimiento de múltiples teóricos, con la intención de hacer más sustancial y compleja la discusión. Notamos una influencia directa de la Escuela de Frankfurt en las decisiones tomadas en todos los dominios sociales, cuando nos damos cuenta de que la comunicación está directamente asociada a la capacidad crítica y reflexiva del acto de expresión.

Palabras Clave: Comunicación. Filosofía del Lenguaje. Modernidad; Sociedad.

1 INTRODUÇÃO

Habermas é membro da segunda fase da Escola de Frankfurt e, para ele, a modernidade se trata de um projeto inacabado, interrompido pelos fenômenos históricos e pelas críticas que

¹ Doutorando em Direito Público e Evolução Social pela Universidade Estácio de Sá (UNESA/RJ). Pesquisador visitante no grupo de pesquisa em Direitos Humanos e Vulnerabilidade pela Universidade Católica de Santos - (UNISANTOS/SP). E-mail: tamiranda@yahoo.com.

ocorrera ao longo dessa época. O autor reconstrói o ideal da modernidade, focando na razão comunicativa, a qual se baseia nas práticas sociais.

É necessário que a filosofia da consciência seja abandonada (HABERMAS, 2012), pois isso impede que o projeto da modernidade seja concluído. Por este motivo, o autor retorna aos postulados kantianos, migrando do sujeito para a sociedade, ao promover uma alteração significativa.

A partir de então, as relações intersubjetivas possibilitam a conclusão das pretensões da modernidade, de maneira a exigir que uma racionalidade de caráter comunicativa seja desenvolvida. Dessa maneira, “o autor propõe que se faça aprendizado dos descaminhos, que acompanharam a Modernidade, para que, só assim, dar ao seu projeto o status de concluído” (REESE-SCHÄFER, 2017, p.127).

O projeto da modernidade era fundamentado no sujeito que sente, que conhece e existe pelo fato de pensar (DESCARTES, 2019). Habermas propõe o redirecionamento do sujeito que se encontrava isolado, em uma relação de sujeito-objeto, para inserir esse sujeito na sociedade, por meio das suas relações com outros sujeitos, conforme afirma Siebeneichler (2012 p. 9): “o conhecimento racional é resultado de um intercâmbio linguístico entre estes”.

Logo, é possível afirmar que todo ser humano possui inteligência comunicativa, o que lhe permite se relacionar e se conhecer. Em sua obra, Habermas traz essas mudanças de paradigmas, de uma filosofia do sujeito para uma teoria voltada a sociedade. O autor afirma que a razão é o problema da filosofia (HABERMAS, 2012), e que esta perdeu seu papel de saber total. Assim, problematiza a razão instrumental e propõe a razão comunicativa. Para Habermas, ser racional não é somente possuir conhecimento, mas também alguém que sabe se comunicar de maneira consciente, crítica e reflexiva. Dessa forma, argumenta que:

o racional tem menos a ver com o potencial cognitivo, está mais relacionado com quem também sabe fazer o uso da linguagem. Essa crítica do autor se dá pela afirmação de que apenas sujeitos que possuem conhecimento são racionais. O autor traz o pensamento de que a “racionalidade tem muito menos a ver com a obtenção do conhecimento do que com maneira pela qual os sujeitos que são capazes de agir e falar adquirem e empregam o saber (HABERMAS, 2012, p.31).

Nota-se, por fim, um complemento da teoria de Kant (2017), pois não basta utilizar seu próprio entendimento. Há de se levar em conta a capacidade de transmitir e ensinar. Habermas, ao propor a razão comunicativa e criticar a razão instrumental, se movimenta em dois níveis: o metodológico e o metateórico, ele distingue com isso dois tipos de razão, a

instrumental e a comunicativa, e a partir disto a racionalidade vai sendo constituída, visando o conhecer e também o saber se comunicar, alcançando assim o entendimento entre os sujeitos.

2 A RAZÃO INSTRUMENTAL

A razão instrumental não tem a obrigação de promover a comunicação entre os sujeitos, mas se detém na objetividade. Ao traçar a diferença entre a razão instrumental e a comunicativa, Habermas distingue também dois tipos de agir: o comunicativo e o instrumental. O agir instrumental está particularmente relacionado à razão instrumental. Ao comentar sobre a razão instrumental, Pinzani (2009, p. 100) afirma que:

O agir instrumental se caracteriza por uma concepção da linguagem, vendo nela uma forma de entendimento: pode servir também para outras finalidades, e o agente simplesmente pode impor uma opinião subjetiva, manipular outros sujeitos e os tratar como meios para seus próprios fins, alcançando uma meta determinada.

A razão instrumental foi alvo de várias críticas durante a primeira geração da Escola de Frankfurt. De acordo com Adorno e Horkheimer, ela foi responsável pelo processo de reificação humana, culminando no processo de aversão a sociedade e ressentimento. Para a sociedade moderna, a razão instrumental foi responsável por vários fenômenos, como:

As neuroses, doenças psíquicas clínicas, os distúrbios psicossomáticos, o aumento dos vícios, problemas educacionais ou motivacionais, até mesmo a conduta contestatória de contraturas de inspiração estética, seitas religiosas feitas por jovens e grupos criminais marginalizados (HABERMAS, 2012, p. 635).

Essas são as consequências de uma racionalização limitada ao instrumental cognitivo. Habermas (2012) explica ainda que, para que a razão instrumental seja considerada racional, esta deve satisfazer as condições existentes que a possibilitem de intervir no mundo.

Por outro lado, esse tipo de atitude dificulta o entendimento entre o sujeito e essa é a chave para que a mudança de paradigma, proposta por Habermas (2012), possa ser compreendida. É importante destacar que, apesar das críticas, o autor não exclui ou nega a razão instrumental.

3 OPORTUNIDADE DE MUDAR O JOGO POR MEIO DA RAZÃO COMUNICATIVA

Conforme evidenciado por Habermas (2012), a razão é o problema central da filosofia. Em sua linha de pensamento, o filósofo parte de uma razão instrumental, a fins objetivos, ao esclarecer que ser racional não é simplesmente ser dotado de conhecimento.

Para o filósofo, todo ser humano é racional, seja mulher ou homem, adulto ou criança, político ou não, trabalhadores em geral. Entretanto, não são racionais, tais como “os peixes ou sabugueirinhos-do-campo, as montanhas, ruas ou cadeiras” (HABERMAS, 2012, p. 32). São irracionais, também, os atos de violência, de guerra, de falta de compromisso, atos humanos que o ausentem de sua responsabilidade. Sendo assim, é fundamental que ao fazerem uso da razão, os sujeitos comuniquem-se para que o entendimento seja alcançado, a partir da intersubjetividade. Portanto:

Esse conceito de racionalidade comunicativa traz consigo conotações que, no fundo retrocedem à experiência central da força espontânea unitiva e geradora de consenso da própria à fala argumentativa, onde inúmeros participantes superam suas concepções inicialmente subjetivas que possam então, graças à concordância de convicções motivadas por racionalidade, assegurar-se ao mesmo tempo da unidade do mundo objetivo e da intersubjetividade do seu contexto vital. (HABERMAS, 2012 p. 35).

Com a racionalidade comunicativa, ao interagir e fazer uso da fala argumentativa, os sujeitos são capazes de superar convicções subjetivas, alcançando a intersubjetividade nas suas relações. Em outros termos, a comunicação é um conceito importante à aceção da razão comunicativa de Habermas. Ao se falar de razão comunicativa, o autor contempla a ideia de argumentação. Para ele, argumentação é “o tipo de discurso onde os participantes tematizam pretensões de validade controversas e buscam resolvê-las ou criticá-las com argumentos” (HABERMAS, 2012).

Ainda conforme Habermas (2012), argumentar é uma ação importante, tendo em vista que, por intermédio do argumento, sendo este convincente ou não, os sujeitos podem apresentar sua forma de enfrentar as questões de maneira racional. Deduzimos, então, que racional é alguém o qual consegue responder e agir. Argumentar também é um reconhecimento do intersubjetivo, de maneira a transformar a opinião em saber.

Proposta na área da filosofia da linguagem, a razão comunicativa conduz a um agir comunicativo. Anteriormente, o sujeito que era iluminado pela razão e resolvia os seus problemas na época, é convidado para uma comunidade de sujeitos que são capazes de se relacionar através de um diálogo, para possam alcançar o entendimento. Para isto, Habermas (2012) apresenta a sua teoria do agir comunicativo, de forma a modificar a perspectiva da

modernidade inacabada, para uma conclusão que seja capaz de fazer um eu aberto ao que é advindo do outro e um nós atuante, fazendo com que os sujeitos comuniquem entre si.

4 TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA: UM PROJETO INACABADO

A teoria do agir comunicativo tem a intenção de reconciliar a modernidade com a razão, ao propor uma nova saída para o projeto do esclarecimento, o qual se encontra inacabado. A teoria do agir comunicativo aponta que o insucesso do projeto da modernidade ocorre devido à “invasão da racionalidade econômica e burocrática em esferas do mundo da vida, às quais essas formas de racionalidade não são adequadas e por isso, levam a perdas de liberdade e de sentido”.

Habermas (2012) propõe uma razão para conduzir os sujeitos, deixando suas concepções teleológicas, o que os leva, naturalmente, a entender as relações sociais como ferramentas capazes de oferecer resultados diferentes, por intermédio do entendimento da intersubjetividade, que é a superação de convicções subjetivas.

Sendo assim, deseja realizar uma deslocação do agir simplesmente teleológico às relações sociais, que proporcionam o entendimento, gerando, assim, novos resultados a partir de sua interação. Para que esse entendimento ocorra, Habermas (2012) traz a ideia de uma interação comunicativa, ao visar ações voltadas ao entendimento, remetendo à teoria dos atos de fala de Austin, uma vez que essa teoria evidencia a fala como um “agente performativo que exerce influência efetiva na vida humana em sociedade (PALERMO, 2013, p. 6) ”.

A teoria de Austin traz algo fundamental para a teoria de Habermas (2012), apresentando três atos: o locucionário, que corresponde ao uso da linguagem; o ilocucionário, que é a realização “de uma ação na linguagem” (PALERMO, 2013, p. 6); e o ato perlocucionário, que pode estar relacionado ao agir teleológico (HABERMAS, 2012). Com o auxílio do ato ilocucionário, o autor proporciona ao falante conhecer sua vontade e compreender o que ele diz, enquanto saudação, admoestação, ordem, explicação, etc.

Habermas (2012), ao falar do agir comunicativo, faz diferenciação entre os tipos de agir e suas pretensões, ao passo que evidencia a importância do agir comunicativo e da sua pretensão para atingir o entendimento. O primeiro tipo de ação comunicativa apresentada pelo filósofo é o agir teleológico, voltado à uma finalidade e à verdade como pretensão, dentro do mundo físico, ou do mundo objetivo. Neste tipo de agir, “o ator está orientado na primeira linha

pela consecução de um fim já estabelecido de forma bastante exata, conforme propósitos claros” (HABERMAS, 2012, p. 495).

Existe, também, o agir normativo, o qual equivale a vivência em sociedade e tem a legitimidade como pretensão. Isso, de acordo com Pinzani (2009), são justificadas em discursos práticos, em que os atores agem motivados por valores em comum. Por último, tem-se o agir dramático, que tem por objetivo validar a veracidade, ou autenticidade. Esse tipo de agir “reporta-se à auto representação expressiva perante um público” (REESE-SCHÄFER, 2017, p. 46).

Habermas considera três pretensões de validade como racionais, pois, se não fosse dessa forma, não haveria comunicação. É necessário evidenciar o papel que a linguagem possui para Habermas, pois é a chave para que seja possível concluir o projeto da modernidade. O autor aponta que:

a linguagem é um médium de comunicação a serviço do entendimento, e com isso mostra que ao se comunicar, ao usar a linguagem os sujeitos podem até não concordar com tudo o que expõem, mas podem chegar a um consenso sobre alguma coisa, e segundo o autor isso é “reconhecimento intersubjetivo da pretensão de validade que o falante une a uma exteriorização (HABERMAS, 2012 p. 221).

É importante apresentar a aposta feita por Habermas nos atores da comunicação, pois para o filósofo eles “são os próprios atores que procuram o consenso e o medem conforme a verdade, a correção e a veracidade” (HABERMAS, 2012, p. 192). Isso, por sua vez, apresenta a relação entre três mundos: o objetivo, o subjetivo e o normativo, bem como a movimentação entre estes até que chegassem ao entendimento, o autor chama de “união dos participantes da comunicação sobre a validade de uma exteriorização” (HABERMAS, 2012, p. 221).

Entretanto, para que tal consenso e entendimento ocorra, é necessário um contexto já determinado que, em algumas vezes, os atores de fala não se dão conta, o mundo da vida. É necessário frisar que a ação comunicativa acontece quando os participantes da fala estão vinculados a um pano de fundo, sendo este, o mundo da vida. O filósofo destaca ainda que “o agir comunicativo depende de contextos que o situem, que de sua parte, representem recortes do mundo da vida concernentes aos participantes da interação” (HABERMAS, 2012, p.485). Por este motivo, o autor traz a ideia de um cotidiano que possibilite a interação, pois é por meio deste que os sujeitos fazem a intersubjetividade ocorrer e se comunicam por ele e nele.

5 O MUNDO DA VIDA

O mundo da vida funciona como uma espécie de pano de fundo para os sujeitos. É no local transcendental que estes se conhecem, agem e se comunicam fazendo com que a

intersubjetividade aconteça (HABERMAS, 2012). É no próprio ato de viver no mundo que a vida dos indivíduos se interpelam e fazem com que três mundos se estabeleçam: o objetivo, o subjetivo e o normativo, os quais, ao se encontrarem, resolvem suas divergências, de maneira a obter um consenso.

Na esfera da cultura, o mundo subjetivo é contexto em que os indivíduos podem se entender por meio dos conhecimentos acumulados com o passar do tempo, através de uma “cultura comum compartilhada”. O mundo social é evidenciado pelo autor como um lugar onde os indivíduos relacionais legitimam a sua presença, por intermédio de normas de convivência; já o mundo subjetivo é onde as normas e a cultura sintetizam e inserem-se em processos da linguagem e da comunicação (FIEDLER, 2006).

Para falar em mundo da vida, Habermas (2012) o distingue pelas seguintes características:

- Os seus pontos em comum estão diante de qualquer dissenso possível. Não podendo se tornar controverso na maneira de conhecimento intersubjetivo compartilhado, pode não máximo se decompor;
- É dado de maneira incontestável para sujeitos viventes, de uma maneira que nem se quer pode ser problematizado, mas pode desmoronar eventualmente;
- As situações mudam, as fronteiras que existem no mundo da vida são intransponíveis, formando um contexto de princípio inesgotável (HABERMAS, 2012, p. 581).

O conceito de mundo e da vida, apresentado pelo autor, está relacionado à sua teoria da ação comunicativa, pois é nela que a conformação dos contextos sociais e dos horizontes ocorre. Para Habermas (2012 p. 581) “é no mundo da vida que os participantes da comunicação podem chegar a um entendimento sobre alguma coisa”.

Portanto, é o local das mudanças. As interações que ocorrem no mundo da vida, acontecem porque os atores da comunicação agem a partir desse contexto, pois sem ele não existirá ação linguística (FIEDLER, 2006).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Habermas traz um novo olhar para a razão ao entendê-la não como um simples processo de reificação, e sim como uma possibilidade para fazer com que os sujeitos se

entendam. Para isso, necessária uma interação, para que os sujeitos se esclareçam, uma vez que ser racional é ser capaz de se comunicar, conhecer e agir.

Diferentemente de seus antecessores, o referido autor acredita na modernidade e na razão. Isso, por sua vez, pode ser todo o processo tido como um fracasso, mas é necessário analisar as causas que levaram até esse fim. Somando a isso, o eixo deve ser mudado, uma revolução copernicana deve ser feita, de maneira a transformar o modelo.

É necessário se desvencilhar da razão instrumental, pois esta elimina dimensões necessárias para a vida humana, dentre estas, a interação. A razão instrumental causa patologias a modernidade, gera uma tecnocracia, fazendo com que o ser humano se despolitize, perca suas interações. Isso torna as pessoas ocupadas, se preocupando com a esfera do trabalho e deixando de lado a esfera da interação.

Tudo isso fragmenta a democracia em detrimento da economia. Para que seja possível sair desse modelo, Habermas (2012) opta pela ideia do mundo da vida, como um local com possibilidades de interação. O mundo da vida é um pano de fundo, com vários conhecimentos que precisam ser acessados. Além disso, é também o espaço das relações reguladas, em que o sujeito é responsável pela transformação social, é descomprimir a esfera do trabalho em seu lugar, pois esta compõe a vida humana que é a interação.

Por fim, Habermas (2012) objetiva que os seres humanos utilizem a razão comunicativa e que suas ações sejam voltadas ao entendimento. Dessa forma, é na prática da linguagem que esse processo de concretização da modernidade pode acontecer. Nesse sentido, torna-se necessário usar a comunicação para que a sociedade, já dividida pela racionalização do mundo da vida, se torne efetivamente racional e esclarecida.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.

DESCARTES, R. **Discurso do método**: Meditações. 02-09 de abril de 2019.

FIEDLER, R. C. do P. A teoria da ação comunicativa de Habermas em uma nova proposta de desenvolvimento e emancipação do humano. **Revista da Educação**, [s.l], n. 1, p. 93-100, 2006.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo: Racionalidade da ação e racionalização social**. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

KANT, I. Resposta ao que é esclarecimento. Esclarecimento (aufklärung): uma proposta kantiana. In: GABRIEL, A. C. *et al.* **Diálogos contemporâneos entre Filosofia e Educação**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

PALERMO, L. C. A importância da teoria do agir comunicativo na atualidade: racionalidade, mundo da vida e democracia deliberativa. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, n. 6, p. 01-17, dez. 2013.

PINZANI, A. **Habermas**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

REESE-SCHÄFER, W. **Compreender Habermas**. Tradução de Vilmar Schneider. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SIEBENEICHLER, F. B. Apresentação à edição brasileira. In.: _____. **Teoria do agir comunicativo: Racionalidade da ação e racionalização social**. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p. VII-XXVI, 2012.